

**O antifascismo como experiência associativa em Montevideu e Buenos Aires.
A mobilização intelectual entre o local e o global (1933-1939)**

Angela Meirelles Oliveira*

Resumo:

Este artigo apresenta uma análise comparativa da atuação das agrupações surgidas na Argentina (1935) e no Uruguai (1936) para que, a partir das experiências das organizações homônimas *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores* (Aiape), se compreendesse a dinâmica da mobilização do intelectual antifascista na região. Foi demonstrada a relação do intelectual antifascista com as demandas políticas daquele momento, concluindo que esta se dava na perspectiva do entrecruzamento dos problemas políticos locais e globais. Da mesma forma, concluiu-se que a atuação das agrupações deu-se de maneira conectada, já que as agrupações entendiam-se como uma mesma organização política enfrentando lutas comuns.

Palavras-chave: antifascismo, intelectuais, associativismo.

Résumé:

Cet article présente une analyse comparée de l'action des groupes qui ont émergé en Argentine (1935) et en Uruguay (1936) pour permettre, à partir des expériences de ces deux organisations homonymes appelées *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores* (Aiape), de comprendre la dynamique de mobilisation des intellectuels antifascistes de la région. Nous démontrons la relation entre l'intellectuel antifasciste et les demandes politiques de cette période, en insistant sur la perspective dans laquelle s'inscrit l'antifascisme en Amérique du Sud, à l'articulation des problèmes politiques locaux et des problèmes politiques globaux. De la même façon, l'action des groupes s'est déroulée de façon connectée, car les deux groupements se percevaient comme une organisation politique unique poursuivant une lutte commune.

Mots-clés: antifascisme, intellectuels, associationnisme

* Doutoranda Universidade de São Paulo. E-mail: angelamo@usp.br.

Intelectuais e política

O antagonismo fascismo-antifascismo marcou os debates políticos dos anos 30 e pautou as agendas dos partidos políticos, movimentos operários, culturais e intelectuais. O antifascismo foi um fenômeno transnacional que apareceu em “realidades nacionais” distintas e é, portanto, marcado por uma dupla esfera: as tradições políticas nacionais e o momento histórico do entre-guerras. A luta contra o fascismo motivou a criação de inúmeras experiências associativas que se interligaram em espaços sociais e territoriais amplos e diversos (PASOLINI, 2005).

No centro da reflexão sobre estas experiências associativas que surgiram para combater o fascismo estão dois debates importantes: o da mobilização do intelectual e o das associações em política.

O primeiro refere-se à figura do intelectual que participou de diversas formas da luta antifascista. A questão do engajamento é candente. Ligados à Internacional Comunista (IC), à Internacional Socialista, à dissidência trotskista, ao Surrealismo, às tradições liberais e/ou ao ideal ilustrado de “defesa da cultura e da civilização”, o intelectual antifascista participou de uma causa comum que uniu todos em torno dessa luta. Esta unificação não ocorreu sem conflitos e divergências, o que torna a luta antifascista um campo de estudos complexo, pois houve uma multiplicidade de forças políticas envolvidas em distintas opções de luta e em diferentes desfechos.

Norberto Bobbio (1997, p. 115) entende que o tema dos intelectuais é espinhoso e vasto, mas se interessa especificamente pela relação do intelectual com a política, ou, de forma mais genérica, entre “o mundo das idéias e o mundo das ações”. No campo das relações entre cultura e política esta é a questão central. O autor apresenta um importante dilema que acompanha o debate sobre a função do intelectual, a partir da consciência de defesa dos interesses da classe ou do grupo social à qual pertence: compreender o mundo ou transformá-lo.

Nos anos 30, os intelectuais que lutaram contra o fascismo fornecem um campo de estudos privilegiado para compreender a atuação do intelectual. No momento em que a ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, em 1933, transforma o fascismo em “un problema de envergadura mundial” (BISSO, 2007, p. 66), “o mundo das ações”, ou seja, a ação política demandou postura e engajamento. Pretende-se, portanto, neste artigo, aclarar os meios e estratégias utilizados pelos intelectuais que se engajaram na

luta contra o fascismo na região do Prata.

Quanto ao estudo das organizações antifascistas sul-americanas, situamo-nos no campo da História Política. Trata-se da disciplina “reabilitada” após os anos 1980 que se apresenta com a nomenclatura de Nova História Política. A aposta no interstício historiográfico que havia entre “o cidadão e o poder, entre o partido e o sufrágio, entre o instituído e o informal” fornece novos campos de estudo ao historiador e, sobretudo, novas perspectivas de análise da atuação individual ou coletiva na política.

Neste campo, o estudo de Jean-Pierre Rioux (2003, p. 103) sobre o tema das associações políticas no cenário francês dos anos 30 destaca as associações como ativas participantes da “arte política” democrática:

(...) de fato querem de alguma maneira influenciar a opinião pública e dispor de meios de comunicação à altura de suas ambições; fervilham em torno dos partidos que elas denigrem ou contestam, às vezes em nome de outras regras menos (...) partidárias do jogo democrático; agitam e promovem idéias políticas, abrigam feudos ou tribunas de intelectuais; têm de entender do Parlamento e de sua eleição, dissertam copiosamente sobre a paz internacional e a ameaça de guerra (...)

Os anos 30, exemplo de “tempos de dificuldade”, tem nas experiências associativas um importante terreno para a compreensão das forças políticas em jogo. No combate de idéias travado entre fascismo e antifascismo, as associações frutificam e “servem de caixa de ressonância e laboratório de idéias, (...) que, fundindo-se, assinalam as panes de inspiração e os curtos-circuitos do político” (RIOUX, 2005, p. 121).

É necessário recuperar a trajetória das organizações que se envolveram na luta contra o fascismo na região. Raros são os estudos voltados à organização e funcionamento destas agrupações; poucas informações sobre elas foram encontradas na historiografia. Na Argentina, a *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores*, Aiape (1935) é a agrupação que recebeu maior atenção dos historiadores (CANE, 1997; PASOLINI, 2005; BISSO, 2007); já a associação homônima no Uruguai (1936) ainda não inspirou nenhuma pesquisa monográfica.

O ambiente político-cultural da Argentina e do Uruguai incluía o trânsito frequente de artistas e intelectuais dos dois países. As agrupações aí surgidas partilhavam o mesmo nome, a mesma forma de organização e a uruguaia era vista como

uma filial da agrupação argentina, visto que o nome da Aiape no Uruguai incluía o adicional *Sección Uruguaya*. Apesar desta sincronia, as trajetórias políticas das organizações apresentam aproximações e distanciamentos.

Realizar um estudo comparativo entre as duas organizações, neste caso, é a opção mais adequada. Isto requer procedimentos como os que Maria Lígia Prado assinalou sobre o clássico estudo de Marc Bloch, *Pour une Historie Comparée des sociétés européennes*. Segundo a autora, o objeto de estudo apresenta alguns dos pressupostos que são necessários para a realização da comparação: “fenômenos que se parecem, à primeira vista” em “sociedades vizinhas e contemporâneas” (PRADO, 2005, p.17). Comparar estes fenômenos seria, então, uma maneira de entendê-los para além das artificiais fronteiras nacionais e também de, a partir das reflexões obtidas, ampliar a perspectiva de compreensão do papel do intelectual antifascista na região.

Do mesmo modo, e sem se opor em absoluto à proposta de comparação, está a necessidade de se entender a luta antifascista na região do Prata por meio do conceito de histórias conectadas. Defendido por Serge Gruzinski, a idéia nos permite compreender o ambiente cultural da Argentina e do Uruguai por meio de suas conexões e trocas. Para este autor,

Diante de realidades que convêm estudar sob diversos aspectos, o historiador tem de converter-se numa espécie de electricista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais e as histórias culturais desligaram ou esconderam, entaipando as suas respectivas fronteiras (2003, p.323).

As associações antifascistas entre a política e a cultura

O sentido da ação coletiva dos intelectuais organizados em associações procedeu de uma presumida vocação e de uma responsabilidade para com a vida política. A atuação por meio de manifestos, atos de homenagem, declarações de solidariedade ou diversas outras formas de ação, mostra que “amparados por el poder simbólico de sus saberes y credenciales (...) su acusación es grupal, publica y moral. Las consecuencias [são] políticas)” (FUNES, 2006, p.41).

De modo geral, o antifascismo de cunho intelectual forjado pelas agrupações surgidas neste período concebeu uma atuação política cujo centro está nas ações no âmbito da cultura. O projeto das Aiapes previa a unificação da luta política com a cultural, posto que, “para el antagonismo en juego, el sentido era proporcionado por la

política; para ella había que inventar, ella preservaría a la cultura si esta era eficaz para abordar la realidad (CELENTANO, 2006, p. 215)”. Isso posto, compreende-se que os intelectuais integrantes das associações antifascistas tenham focalizado sua mobilização em torno de duas linhas: a “defesa da cultura” e das Frentes Populares¹.

Na Argentina, a *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores* - Aiape foi fundada em 28 de julho de 1935, na cidade de Buenos Aires, a partir de uma reunião na que mais de 80 pessoas, entre médicos, psicólogos, jornalistas e intelectuais de renome nacional (CANE, 1997, p. 443) declararam lutar pela “defesa da cultura” em contraposição às medidas autoritárias ou fraudulentas dos governos argentinos desde setembro de 1930. Eles protestavam também contra o processo judicial ao qual respondia o poeta Raúl González Tuñón, de filiação comunista (CELENTANO, 2006, p. 196).

À frente deste movimento estava o professor e psicólogo Anibal Ponce, que recentemente havia retornado de Paris onde testemunhara a criação do *Comité de Vigilance des Intellectuels Antifascistes* (PASOLINI, 2005, p. 436). Ponce desempenhava um importante papel em relação à criação da Aiape porque, além de apresentar uma longa tradição de militância liberal que o tornava respeitado pela intelectualidade afinada com esta matriz, Ponce acabava de aderir ao marxismo, o que o valorizava frente aos intelectuais que partilhavam desta tendência (CANE, 1997, p. 446). Ricardo Pasolini (2005, p. 407) defende a tese de que

Desde sus orígenes, la A.I.A.P.E. se conformó tomando como modelo organizativo el *Comité de Vigilance des Intellectuels Antifascistes* de Paris, en parte porque los lazos de Aníbal Ponce mantenían una fuerte vinculación con este centro político cultural y también porque la organización proveía además de un modelo exitoso de alianzas intelectuales, partidarias y obreras, una agenda de temas y tácticas militantes sobre las cuales orientar una política antifascista de carácter principalmente nacional.

Pouco mais de um ano depois, no Uruguai, foi fundada a *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas, Profesionales y Escritores*, que representou o ápice

¹ A estratégia das Frentes Populares foi resultado de uma decisão da Internacional Comunista (IC) no sentido de incentivar a integração dos partidos comunistas com outros grupos políticos visando combater o fascismo. Esta tática representa uma mudança radical na orientação da IC para os partidos comunistas locais. Desde 1928, a IC partilhava da tese do “social-fascismo”, contrária a qualquer aliança com outras organizações, e que igualava a social-democracia e os socialistas aos regimes fascistas. Oficialmente, a estratégia das Frentes Populares tem início após o VII Congresso da Internacional Comunista, em julho/agosto de 1935.

da mobilização intelectual desencadeada em reação ao golpe de Estado de Gabriel Terra em março de 1933. No número inicial do boletim Aiape, porta-voz da organização, está publicado o estatuto no qual foram declaradas as circunstâncias de sua fundação e seus princípios orientadores. Fundada em 3 de setembro de 1936 “gracias a las peticiones realizadas por un grupo de destacados intelectuales”, vemos que a criação é fruto de uma iniciativa coletiva, da qual faziam parte Juvenal Ortiz Saralegui, Jesus Castellano Balparda, Sofia Arzarello, Jesualdo Sosa, Roberto Ibañez, entre outros. A agrupação de caráter cultural previa, entre outras disposições, “fomentar el acercamiento” dos integrantes para uma ação cultural coletiva e, ao mesmo tempo, auxiliar os sócios no desenvolvimento de sua personalidade artística (A.I.A.P.E., nov. 1936, p. 3).

Na Argentina e no Uruguai, as organizações em luta contra o fascismo estiveram centradas na prédica de “defesa da cultura”, mote internacional disseminado pelo discurso de André Gide no Congresso de Escritores em Defesa da Cultura, realizado em 1935 em Paris. Para além de estar presente em seus propósitos fundacionais, a idéia de “defesa da cultura” materializava-se em algumas ações práticas, como a proteção do intelectual e do artista contra a censura e a repressão, a promoção de espaços culturais alternativos, a disseminação de conhecimento às classes populares, etc.

“Defender a cultura”, portanto, podia significar difundi-la por meio de exposições, conferências e publicações, mas também protegê-la por meio de atividades corporativas para os “trabalhadores da cultura”. Este aspecto era muito mais presente na organização uruguaia, possivelmente pela proximidade com a Confederação dos Trabalhadores Intelectuais do Uruguai (CTIU), sindicato fundado na ocasião da visita de David Alfaro Siqueiros ao país, em 1933. No relato de Aníbal Ponce a CTIU teria se convertido na Aiape uruguaia (PONCE, 1936, p. 331).

A cultura à qual referiam estava ligada à idéia de produção de bens simbólicos com inerente valor universal, também chamada de “alta cultura” (artes plásticas, literatura, música erudita). Pablo Rocca (2009, p. 3) considera que existe nesta concepção uma distinção muito clara entre os produtores culturais e seu público:

(...) sobre la concepción de la cultura y el lugar de los destinatarios que se maneja en el Boletín, es muy ilustrativo un aviso que aparece en la página 10 del primer número, donde se pide colaboración en tres niveles: “Literaria. Envíenos sus colaboraciones (poema, ensayo, crítica). Artística. Queremos reproducir en nuestras páginas cuadros, grabados y dibujos de autores nacionales. Económica. Consíganos suscripciones y avisos”. La censura del campo es notable: los dos

primeros niveles son discursivos, el último supone la contribución militante para sostener la causa, con lo que, es verdad que no de modo absoluto, se separa a los “artistas” de aquellos que consumen lo que los primeros producen al calor de la lucha y para cimentarla.

A fundação das Aiapes ocorreu num momento de importante mobilização intelectual mundial. Na França, o movimento *Amsterdam-Pleyel* (1932-1933), fruto de dois congressos que mobilizaram a intelectualidade contra a guerra e o fascismo e o “*Comité de Vigilance des Intellectuels Antifascistes*” (1934) lançavam apelos em busca de suporte material e simbólico para intelectuais do mundo todo. Henri Barbusse e Romain Rolland tiveram um papel central neste aspecto, ao lançar as bases para a articulação mundial de um movimento contra o fascismo.

Da França veio também a experiência existosa da composição de uma Frente Popular para combater as forças conservadoras no país; ao lado da espanhola, estas referências européias serviram de inspiração para a intelectualidade mobilizada na Argentina e no Uruguai. A intenção de influir na política local fez com que as Aiapes dedicassem esforços em favor da unificação das forças políticas com vistas a formalizar uma candidatura nos moldes das coligações frentistas. A conjuntura política nestes países sofrera graves mudanças a partir dos anos 30, com a ascensão de governos autoritários ou ditatoriais.

Oscar Terán afirma enfaticamente que, com o advento dos anos 1930 na Argentina, “ninguno de los grandes registros de la vida de una nación escapó al derrumbre”. Este ano marca uma ruptura na história do país, com o golpe de estado do General José Felix Uriburu em 6 de setembro de 1930, por meio do qual o presidente Hipólito Yrigoyen foi deposto. Estes acontecimentos deram início a um processo que ficou marcado na história política argentina como “la década infame” (TERÁN, 2008, p. 229).

O golpe de Uriburu foi alimentado por uma forte retórica conservadora que atribuía os problemas do país –em profunda crise econômica e social desde os acontecimentos de 1929– aos males da democracia, aos quais se havia integrado. O governo que se seguiu ao golpe, auto-intitulado revolucionário, era composto por conservadores simpáticos às idéias autoritárias, possuindo um forte impulso para a introdução de um Estado corporativo, que, apesar da retórica nacionalista, possuía compatibilidades formais com o regime mussoliniano (BISSO, 2005, p.48).

A diferença com o regime italiano, no entanto, era marcada pela intensa anti-popularidade do golpe uriburista. A ausência de apoio popular e a antipatia de parte das elites às ideologias antiliberais impediram que o General Uriburu concretizasse seus projetos políticos naquele momento. A opção pela retomada da legalidade eleitoral requereu uma manobra política que conciliasse os interesses daqueles que desejavam combater o radicalismo. Desta escolha, resultou uma estratégia política que condenou os processos eleitorais subseqüentes a sucessivas intervenções fraudulentas.

A vitória de Augustín P. Justo nas eleições de fins de 1931 deu início a um período de predomínio conservador oligárquico que significou um retraimento das forças políticas progressistas na sociedade argentina. Apesar da derrota do projeto político uriburista, os conservadores conquistaram o poder e não impediram a formação de dezenas de organizações e associações nacionalistas, algumas fascistas ou mesmo nazistas². Deste momento até o princípio da 2ª Guerra, alguns grupos passam a aproximar-se da ideologia hitlerista, quando a tentativa de infiltração nazista na Argentina foi seguidamente denunciada, com vistas a combater a “nazificação” das escolas da coletividade alemã e também sua “creciente penetración en la política argentina y continental” (FRIEDMAN, 2010)³.

Os partidos de oposição começaram a articular a criação de uma Frente Popular, centrada nos representantes da *Unión Cívica Radical* (UCR), de forte expressão nas massas trabalhadoras. Marcelo T. de Alvear foi alçado candidato, com a intenção de por um fim às práticas fraudulentas e retornar às práticas da liberal democracia. No ano de 1936, a comemoração do 1º de maio é tida como o ponto alto deste processo, por ter articulado todas as frentes de oposição ao golpe de setembro e à posterior “democracia” fraudulenta.

Cane (1997, p. 448) considera que a participação neste evento é a mais importante atuação da Aiape argentina. A organização participou do comício de 1º de maio portando cartazes, pintados por Antonio Berni, com as figuras de Henri Barbusse, Maximo Gorki e Hector P. Agosti, recentemente preso por dirigir o jornal comunista *La*

² A base do pensamento nacionalista, pano de fundo destes movimentos, estava na composição de ideais aristocráticos e antiliberais. A busca pela composição harmônica da sociedade, a partir do respeito às hierarquias associados ao anticomunismo aproximaram algumas agrupações nacionalistas ao fascismo italiano. Destacamos, neste contexto, a criação da milícia armada *Legión Cívica Argentina*, logo em 1931, com vistas a apoiar o movimento golpista de Uriburu.

³ Inicialmente, os reclamos ecoavam somente na comunidade alemã, especialmente por meio da ação do *Das Andere Deutschland* (DAD), organização integrada por alemães e austríacos antinazistas.

Internacional. A composição dos “homenageados” no evento nos dá uma dimensão de como as referências internacionais, todas comunistas, eram usadas para legitimar uma luta interna. Para a Aiape, a estratégia da Frente Popular era, a exemplo da França, a melhor tática para combater o fascismo e “las fuerzas obscuras y anacrónicas que amenazaban desencadenar una ola de barbarie y hecatombe” (*Unidad*, jan. 1936, p. 9).

No Uruguai, o efeito político da derrocada econômica de 1929 culminou com o golpe de estado levado a cabo por Gabriel Terra, em 31 de março de 1933. Terra era um dissidente *batllista*⁴ que havia sido eleito, em 1931, para um mandato de quatro anos; em meio a seu governo legal, dissolveu o Parlamento e censurou a imprensa, dando início a um regime ditatorial que perdurou até 1938.

O golpe de estado, articulado nas entranhas dos partidos tradicionais⁵, visava em um primeiro momento reformar a Constituição de 1919 que havia instituído o bicefalismo⁶ no poder. Veio alimentado por uma fortíssima retórica anti-reformista e conservadora que pretendia uma ruptura com o passado *batllista*, desencadeando “la conmoción de buena parte del sistema de símbolos y significaciones identificado con el periodo anterior (CAETANO, 1989, p. 86)”. Nesta cruzada conservadora, o *batllismo* era constantemente associado ao comunismo, ampliando, assim, o alcance do discurso *terrista* a quase todas os grupos políticos opositores.

As medidas que se seguiram ao golpe de estado de Gabriel Terra –auto intitulado revolução *marzista*⁷– implicaram, pelo menos nos dois primeiros anos, em uma perseguição ativa aos opositores, por meio de cassações, deportações e prisões além de sucessivos episódios de censura à imprensa. Houve uma intensa perseguição aos movimentos operários organizados em sindicatos, por meio da repressão policial ou de tentativas de regulamentação das atividades sindicais. A composição corporativa dos sindicatos foi descartada na Constituição *terrista* de 1934, mas esta definiu o Estado como “árbitro e conciliador” dos conflitos entre patrões e empregados (PORRINI, 1994, p. 118).

⁴ Batllismo é a uma tradição política uruguaia que denomina os seguidores do presidente José Batlle y Ordoñez.

⁵ A divisão entre partidos tradicionais e partidos de idéias é corrente na historiografia e na cultura política uruguaia. Os partidos tradicionais são o Partido Colorado e o Partido Nacional; já os partidos de idéias são o Comunista, o Socialista, etc.

⁶ Por bicefalismo entende-se o sistema de divisão de poderes instituído pela Constituição Uruguaia de 1919 por meio do qual o Poder Executivo dividia suas funções com um Conselho de Ministros.

⁷ O termo *marzista* refere-se ao mês (marzo) em que ocorreu o golpe de Gabriel Terra.

Em relação à natureza do regime *marzista*, historiadores refutam a idéia de uma inspiração fascista da ditadura de Terra, afirmando:

Los golpistas no querían remplazar la democracia liberal por algún sistema de partido único, la representación partidaria por la representación de intereses, ni el gobierno de los partidos por el de algún líder carismático con sueños plebiscitarios (CAETANO; GARCE, 2004, p. 333).

No entanto, houve simpatia de conservadores *marzistas* pelo fascismo italiano e pelo falangismo espanhol (BARRÁN, 2004, 142-150); de maneira geral, “en la pugna ideológica y política finalmente fueron derrotados sus puntos de vista. Aunque no se puede negar que pudieran dejar algunas semilla.” (PORRINI, 1994, p. 118). Durante a ditadura *terrista* os partidos políticos não foram colocados na ilegalidade, o Parlamento voltou a funcionar em 1934 e houve eleições nacionais; em alguns momentos, medidas extraordinárias foram tomadas e o direito de reunião e a liberdade de imprensa, cassados.

A resistência ao governo de Terra materializou-se em ações políticas diversas, como a campanha pelo abstencionismo as eleições de junho de 1933 e os movimentos armados, conhecido como “Revolución de enero”⁸, ocorrido no início do ano de 1935 (AGUIRRE GONZÁLEZ, 1985). Ao mesmo tempo, esta oposição começa a articular a composição de uma Frente Popular, concentrada inicialmente nas províncias do interior, como Cerro Largo, Rivera, Tacuarembó, etc. (PARIS; RUIZ, 1987, p. 59).

A articulação política pró-união logo alcançou Montevidéu. No entanto, os esforços dos grupos opositores à ditadura em direção à constituição oficial de uma Frente Popular foram em vão. As legendas dos partidos tradicionais negaram-se veementemente a compor um programa político comum. O temor da articulação das forças de esquerda em torno de um ideal comum desencadeou uma intensa campanha anti-frentista, associando-a a uma “conspiración bolchevique mundial” (PARIS; RUIZ, 1987, p. 66).

O fracasso de uma composição frentista não arrefeceu o intenso clima pró-união que mobilizava a intelectualidade, os sindicatos e os militantes. O surgimento

⁸ Dele participaram militantes do nacionalismo independente e do batllismo, liderados pelo caudilho Basilio Muñoz; o Partido Comunista e o Partido Socialista não participaram. As batalhas entre a ditadura e os revolucionários duraram nove dias e custaram várias vidas. A repressão *terrista* usou aviões para bombardear o acampamento dos insurgentes e, assim, desarticulou o movimento.

da Aiape no país ocorreu neste momento de intensa valorização dos ideais unitaristas e de ações conjuntas por meio de manifestos, protestos de rua, arrecadação de dinheiro, conferências, mostras de cinema, etc. As mobilizações eram motivadas essencialmente pela ânsia da retomada da democracia no país, acompanhadas de manifestações de solidariedade à República Espanhola e contra o fascismo.

A eleição do colorado Alfredo Baldomir em março de 1938, cunhado de Gabriel Terra, representou uma retorno à legalidade institucional, mas as pressões continuaram. Um exemplo é a realização do congresso por *Nueva Constitucion y Leyes Democráticas*, em junho daquele ano, do qual a Aiape participou ativamente e que chegou a reunir entre 200 a 250 mil pessoas que elegeram a consigna *Democracia, si, fascismo, no!* (PARIS; RUIZ, 1987, p. 152).

Nota-se, com isso, que a luta pela democracia no Uruguai foi além da oposição ao regime *terrista*. O ápice deste processo foi a realização do *Congresso Continental por las Democracias*, em março do ano seguinte, a ser retomado mais adiante neste texto.

A mobilização do intelectual antifascista no Prata: uma história conectada

Por meio da análise da estrutura organizacional das Aiapes se pode estabelecer alguns parâmetros para pensar sobre a mobilização do intelectual antifascista nesta região⁹. As duas organizações se dedicaram a atividades similares por meio da atuação da comissão de imprensa e da comissão de atos. Estas atividades nos apresentam duas dimensões da atuação das agrupações no espaço público: a primeira trata da divulgação de idéias e da disseminação de conhecimentos pela imprensa; outra refere-se à mobilização política ao organizar manifestações, conferências e atos. Ressalta-se, portanto, a prevalência do uso da palavra escrita ou falada, em detrimento de outras opções de luta, como a ação armada, por exemplo.

Na primeira instância de mobilização, os intelectuais que lutaram contra o fascismo concentraram a grande parte de seus esforços na disseminação de suas bandeiras de luta, seja por meio de livros ou da criação de jornais e revistas. A

⁹ A recuperação mais detalhada do cotidiano da organização uruguaia foi possível porque seu boletim publicava mensalmente um relatório de atividades para prestação de contas aos seus sócios. Além disso, o boletim uruguaio publicou um total de 29 edições no período estudado, enquanto que o periódico argentino somente 7 exemplares.

contrapropaganda era parte importante, se não essencial, no campo de batalhas contra o fascismo. As agrupações intelectuais que surgiram no seio da luta antifascista estiveram articuladas em torno das publicações; por meio destas, pode-se perceber um rico debate cultural e político, que transcendeu as fronteiras nacionais e enredou-se na complexa teia de relações e redes de sociabilidade em nível internacional. Da mesma forma, os periódicos eram espaços de sociabilidade intelectual e de divulgação cultural.

No Uruguai, a Aiape publicou o boletim *A.I.A.P.E., por la defensa de la cultura* entre 1936 e 1940¹⁰, O periódico possuía refinada qualidade na diagramação dos textos, na apresentação de xilogravuras, esboços de gravuras e fotografias. Foram secretários da revista Raúl M. Arredondo, Clotilde Luisi e Roberto Ibañez. Na Argentina, o jornal *Unidad, por la defensa de la cultura* (1936-1938)¹¹ vinha a público mensalmente; no decorrer de sua existência, o jornal apresentou várias interrupções nesta periodicidade. Raul Gonzáles Tuñon foi secretário da revista a partir de 1937¹².

Algumas seções eram comuns a ambas as publicações, como o caso de *Vida de la A.I.A.P.E.* e *Libros*. Na primeira, eram apresentados aspectos do cotidiano da organização, os eventos por ela promovidos e a relação do periódico com a política interna dos dois países; ali também eram noticiadas as visitas dos intelectuais em trânsito que compareciam à redação do jornal. Já na seção *Libros*, havia a publicação de resenhas e traduções de obras, material que nos permite apreender as formas de recepção de algumas delas.

Numa segunda instância de atuação do intelectual, a realização de conferências e congressos despontou como um destacado ambiente de intercâmbios entre militantes e intelectuais antifascistas, bem como uma importante forma de luta e mobilização tanto intelectual como popular.

Por meio destas duas instâncias de atuação pudemos perceber que as Aiapes do Uruguai e da Argentina funcionavam como uma mesma organização, sendo que seu

¹⁰ De periodicidade mensal, o boletim era vendido por meio de assinaturas e também em banca de revistas, lojas e *kioskos*. Sua apresentação era em formato tabloide, variando entre 14 e 20 páginas (chegando a 32 em edições especiais).

¹¹ A publicação variava entre 12 e 16 páginas, em formato tabloide e continha muitas ilustrações, especialmente xilogravuras de Facio Hebéquer, de Audivert e de Clement Moreau.

¹² A Aiape argentina foi responsável por duas publicações. Além de *Unidad por la defensa de la cultura*, ela criou também *Nueva Gaceta*, que funcionou entre 1941-1943, quando a organização foi proibida com o golpe dado pelo GOU (Grupo de Oficiais Unidos) que instituiu um poder autoritário no país, do qual fazia parte o Coronel Perón. Esta segunda revista não compõe as fontes deste trabalho, pois veio a público em um período posterior ao recorte estudado.

estudo em separado não se justifica senão pelas práticas historiográficas restritas às fronteiras nacionais. Para além do já referido fato da agrupação uruguaia entender-se como uma filial da argentina, pode-se perceber pelo estudo dos boletins que ocorreram trocas e colaborações nas publicações de ambas as organizações. Os argentinos Jose Portugal, Cordoba Iturburu e Raúl Gonzáles Tuñón contribuíram na revista uruguaia e os uruguaios Alvaro e Gervasio Guillot Muñoz escreveram para as páginas do boletim argentino.

Ademais, as polêmicas envolvendo os intelectuais aiapeanos ressoavam em ambas as margens, como foi o caso da demissão do argentino Anibal Ponce por causas políticas do cargo de docente, fato ao qual a Aiape uruguaia reagiu com moções públicas de repúdio e com o envio de correspondência para o diretor do Instituto do Professorado Secundário responsável pela destituição (A.I.A.P.E, nov. 1936, p. 11).

Quanto aos Congressos, estes foram o ápice das mobilizações dos intelectuais antifascistas; por concentrarem enviados de várias nacionalidades o evento fornecia à luta política uma maior visibilidade. Na Espanha conflagrada, entre as cidades de Valência, Madrid e Barcelona, realizou-se o *II Congreso Internacional de Escritores para la defensa de la Cultura*. Raul Gonzalez Tuñón e Córdoba Iturburu compareceram ao evento, como representantes das duas Aiapes do Prata. Antes de partir em viagem à Espanha, os escritores fizeram uma parada em Montevideu, onde foram acolhidos pela agrupação uruguaia e aproveitaram para contribuir com o boletim AIAPE (mar. 1937, p. 6). No evento também compareceram outros escritores latino-americanos, como os poetas Vicente Huidobro e Pablo Neruda, este pela *Alianza de Intelectuales* do Chile, Octávio Paz, pelo México etc.

Os discursos e relatos dos enviados à Espanha ecoaram nos periódicos das duas organizações. A dimensão que a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), campo de batalhas da luta antifascista, possuía para os intelectuais pode ser em parte apreendida pelo discurso de Córdoba Iturburu no evento:

(...) el pueblo español no defiende solo sus derechos a la felicidad y a la independencia sino que defiende, además, digo que nos interesa muy particularmente, a los intelectuales. Traía la convicción de que el pueblo español es hoy, en el mundo, la fuerza armada de la civilización, el soldado de la cultura (A.I.A.P.E., jul. 1937, p. 12).

Outro evento público, este organizado e divulgado pela Aiape uruguaia foi o

Congresso Continental por las Democracias, que obteve grande repercussão na América do Sul. De acordo com as historiadoras Juana Paris e Ester Ruiz (1987, p. 154), o evento estava relacionado com o aumento das zonas de influência da Política da Boa Vizinhança do governo Roosevelt na América Latina. O Congresso foi utilizado pelos “exilados e perseguidos políticos (...) para expressar sua insatisfação frente às políticas nacionalistas atuantes na América Latina,” configurando-se, então, num evento de “resistência contra a ditadura” (BELINTANI, 2002, p. 105). Compareceram delegações oficiais e não-oficiais de diversos países americanos. Um exemplo de delegação não-oficial era a brasileira, formada por exilados e perseguidos políticos da ditadura do Estado Novo (1937-1945). Pela Argentina, compareceram os aiapeanos Hector P. Agosti e Córdoba Iturburu (A.I.A.P.E., mar/abr. 1939, p. 3).

A colaboração na imprensa e a participação em congressos, instâncias vistas como centrais na luta antifascista, possibilitaram o intercâmbio entre os intelectuais das Aiapes da Argentina e do Uruguai. Estas, apesar de lutaram ativamente na luta política nacional (pelas Frentes Populares e/ou pela democracia em seus países), valorizavam o trânsito internacional e as trocas com organizações similares como uma forma de ampliar a visibilidade da luta e também legitimá-la no movimento antifascista de outros países.

A unidade quebrada

O vigor na atuação das Aiapes dos países do Prata na segunda metade dos anos 30 vinha em grande parte da heterogeneidade ideológica dos integrantes das organizações. A Aiape no Uruguai apresentava uma composição mais diversificada do que sua congênere na Argentina; ali podiam ser encontrados intelectuais *batllistas*, socialistas, nacionalistas e os comunistas ou simpáticos ao comunismo. Já na Argentina, os comunistas ou próximos ao partido pareciam ser maioria dos componentes da associação, apesar da presença de alguns destacados socialistas.

Este dado é importante, pois, neste momento de valorização das Frentes Populares, os ideais unitaristas e a comunhão de forças contra um inimigo comum contribuíram para um período de intensa mobilização intelectual. Contudo, no final dos anos 30, estas organizações são duramente abaladas pelo que pode ser considerado um momento chave para a atuação do intelectual antifascista: o pacto de não-agressão entre

a Alemanha nazista e a URSS, em agosto de 1939. Frente ao que pareceu uma traição comunista aos ideais antifascistas, este acontecimento demandou um novo posicionamento dos integrantes das associações.

O boletim da Aiape uruguaia apresenta um relato bastante detalhado das tensões e debates que ocorreram por ocasião do pacto. Uma assembléia geral extraordinária foi convocada para a realização de uma consulta aos sócios a respeito dos recentes acontecimentos europeus, em busca de uma posição consensual. Declarando ser “imposible la fijación de un criterio unánime, concreto y detallado sobre dichos acontecimientos” e argumentando que “la rapidez con que se suceden los acontecimientos (...) hacen con que muchos asociados no deseen pronunciar un juicio definitivo”, a ata final continha uma declaração pública na que eram reafirmados os princípios da associação em defesa da cultura e pela liberdade de pensamento, agregados a um repúdio a todas as formas de totalitarismo, de agressão de um povo contra outro, de imperialismo de qualquer natureza e adesão “a la idea democratica, verdadera e integral, a la causa del derecho y de la justicia social” (A.I.A.P.E., out/dez 1939, p. 32).

Neste processo, a Aiape uruguaia perdeu uma quinta parte de seus sócios, entre eles Roberto Ibañez, poeta e militante socialista que dirigira o periódico até aquele momento. A partir dos relatos das assembléias, pode-se perceber que o rompimento ocorreu unilateralmente, sem que os sócios dissidentes quisessem participar das discussões a respeito do tema.

Quanto à Argentina, as fontes disponíveis não permitem a recuperação precisa da repercussão do pacto em suas fileiras. No entanto, é fato que a organização vinha perdendo seus integrantes não comunistas desde 1936, por medo da perseguição policial ou mesmo por desavenças com os membros do Partido (LARRA, 1982, p. 23). Cane (1997, p. 466) aponta que a agrupação perdeu ainda mais aliados após o pacto. A Aiape passou a defender a neutralidade da Argentina no conflito mundial, sustentando a idéia de que o conflito se dava por conta da disputa entre países imperialistas.

A associação permaneceu em funcionamento até 1943, reduzida aos militantes comunistas. Outra associação antifascista foi criada nos anos 1940: de cunho liberal e pró-Aliados na 2ª Guerra Mundial, a *Acción Argentina*, que acabou por aglutinar os intelectuais que se identificavam com essa tendência.

Os valores unitaristas que mobilizaram a intelectualidade em uma luta comum contra o fascismo sofreram grave abalo com a nova conjuntura política mundial. A unidade que motivara a ação comum fora quebrada e a idéia de ações políticas unificadas contra o fascismo só seriam recuperadas novamente em 1941, com a invasão da URSS pelas forças nazistas.

Conclusão

O estudo dos movimentos antifascistas na Argentina e no Uruguai nos oferece um terreno valioso para pensarmos a ação dos atores coletivos na política. O surgimento de inúmeras experiências associativas com o objetivo de lutar contra o fascismo globalmente e contra as políticas autoritárias, localmente, é um campo de estudos para a compreensão das opções de luta destes novos atores tão recentemente valorizados pela História Política.

Os agrupamentos formados por intelectuais apresentam ainda os dilemas do engajamento. A opção pelo “mundo das ações”, retomando a idéia de Bobbio, demanda o posicionar-se em relação ao mundo e aos outros. Nos anos 30, marcados pela unificação das forças políticas contra um inimigo comum, as associações caracterizavam-se por uma composição heterogênea e pelos objetivos comuns. Assim sendo, a ação coletiva do intelectual engajado não ocorria sem debates, angústias e reflexões, e muitas vezes, rompimentos, como o de meados de 1939.

Nos casos estudados, os intelectuais antifascistas da região do Prata optaram por lutar por meio do uso da palavra. A mobilização em torno da imprensa e da realização de atos indica a força atribuída por eles às idéias que defendiam e da maneira com que as defendiam. Os intelectuais antifascistas estavam mobilizados pela emergência de um problema global, o fascismo. Este estava associado a um retrocesso político e cultural, ao fim da civilização ocidental e da cultura como era conhecida. Ao intelectual cabia, portanto, defender o quê, para eles, era a razão de sua própria existência.

O problema global tornou-se local quando inúmeras ditaduras e golpes de estado atingiram o sul da América do Sul nos anos 30, movidos em maior ou menor grau pelas mesmas ideologias fascistas. A posição estratégica da região na geografia mundial e a extensa comunidade imigrante italiana e alemã na Argentina, sobretudo, ampliam o alcance das ideologias conservadoras européias até o Cone Sul. O combate dos

intelectuais antifascistas se aplicava, portanto, tanto localmente quanto globalmente. O antifascismo nesta região articulou esta demanda internacional com as disputas políticas locais: a luta contra as ditaduras e a defesa da democracia e da cultura ameaçadas por governos autoritários.

Ao recuperar a trajetória das agrupações que lutaram contra o fascismo na região pode-se perceber muitos pontos em comum, tanto nas estratégias de ação e quanto nos ideais que os motivaram. O frequente trânsito de intelectuais entre Buenos Aires e Montevideu, o sentido atribuído às lutas comuns e o alento de partilhar os mesmos objetivos com agrupações internacionais justificou a “relição” das histórias daqueles que se envolveram com este amplo movimento que foi o antifascismo, demonstrando que, na região rioplatense, eles ultrapassaram as fronteiras nacionais.

Referências bibliográficas:

AGUIRRE GONZÁLEZ, Adolfo. *La revolución de 1935. La lucha armada contra la dictadura*. S.l.: Librosur, 1985.

BARRÁN, José Pedro. *Los conservadores uruguayos (1870-1933)*. Montevideo: EBO, 2004.

BELLINTANI, Adriana Iop. *Conspiração contra o Estado Novo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISSO, Andrés. *Acción Argentina: Un antifascismo nacional en tiempos de Guerra Mundial (1940-1946)*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

_____. *El antifascismo argentino*. Buenos Aires: Cedinci Editores, 2007.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CAETANO, Gerardo. Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo. *Cuadernos de CLAEH*, n. 49, Montevideu, 1989.

_____; GARCÉ, Adolfo. Ideas, política y nación en el Uruguay del siglo XX, In: TERÁN, Oscar (coord.). *Ideas en el siglo XX*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

CANE, James. Unity for the Defense of Culture - The A.I.A.P.E. and the Cultural Politics of Argentine Antifascism: 1935-1943. In: *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 77, n. 3, Agosto de 1997, pp. 443-482.

CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. IN: *Literatura e Lingüística*, n. 17, 2006.

Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.14, p. 177-195, jan./jun. 2013.

<http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista>

- FRIEDMAN, Germán. *Alemanes Antinazis en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.
- FUNES, Patrícia. *Salvar la Nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.
- GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio. *Estudos avançados*, São Paulo, vol. 17, n. 49, dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>, acesso em 07 de Março de 2012.
- LARRA, Raul. *ETECÉTERA*. Buenos Aires: Anfora, 1982.
- PARIS, Juana; RUIZ, Ester. *El frente en los años treinta*. Montevidéo: Proyección, 1987.
- PASOLINI, Ricardo. El nacimiento de una sensibilidad política. Cultura antifascista, comunismo y nación en la Argentina: entre la A.I.A.P.E. y el Congreso Argentino de la Cultura, 1935-1055. In: *Desarrollo Económico*, vol. 45, n. 179, outubro-dezembro de 2005, pp. 403-433.
- PONCE, Aníbal. El primer año de la AIAPE. *Dialéctica*, Año 1, n. 6, agosto de 1936.
- PORRINI, Rodolfo. *Derechos Humanos y dictadura terrista*. Montevidéo: Vintén Editor, 1994.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina *Revista de História*, 2º. Semestre, nº. 153. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2005.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª edição, 2003.
- RIOUX, Jean-Pierre. As associações em política. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª edição, 2003.
- ROCCA, Pablo. *Dos revistas culturales en la guerra civil española*. Literatura e imágenes en Boletín de A.I.A.P.E. y *Ensayo* de Montevideo (1936-1939), CCE, SADIL, FHCE, 2009.
- TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina*. Diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

Fontes:

A.I.A.P.E. *por la Defensa de la Cultura*, Montevidéo

A.I.A.P.E. Estatuto de la A.I.A.P.E., ano 1, n. 1, nov. 1936, p. 3; 11.

_____. Aiapeanos en viaje, ano 1, n. 3, março de 1937, p. 6.

_____. Vida de la A.I.A.P.E, ano 1, n. 8, agosto/setembro de 1937, p. 15.

_____. Notas editoriales e informativas: Escritores de América, ano 3, n. 24, março/abril de 1939, p. 3.

_____. Declaración de la asamblea de socios, ano 4, n. 29, outubro/dezembro de 1939, p. 32.

ITURBURU, Córdoba. El símbolo de la Cibeles, ano 1, n. 7, julio de 1937, p. 12.

Unidad por la defensa de la cultura, Buenos Aires

GUILLOT MUÑOZ, Gervasio. Precedentes históricos del Frente Popular en Francia, ano 1, n. 1, janeiro de 1936, p. 9.

GUILLOT MUÑOZ, Álvaro. Rompiendo relaciones, ano 1, n. 2, fevereiro de 1936, p. 4.

Recebido em: abril de 2012 e aprovado em: maio de 2012.